

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

GABRIEL OLIVEIRA BARBOZA

**INFLUÊNCIA DA ARQUITETURA ESCOLAR NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA: ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA CONTORNAR AS ADVERSIDADES
ARQUITETÔNICAS E CLIMÁTICAS**

**Porto Alegre
2018**

Gabriel Oliveira Barboza

**INFLUÊNCIA DA ARQUITETURA ESCOLAR NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA: ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA CONTORNAR AS ADVERSIDADES
ARQUITETÔNICAS E CLIMÁTICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Educação
Física da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, como requisito parcial
para obtenção do grau de Licenciado em
Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Elisandro Schultz
Wittizorecki

**Porto Alegre
2018**

AGRADECIMENTOS

Diante do final do curso de licenciatura em Educação Física, olho para trás e lembro de tudo que passei para chegar até onde cheguei hoje, lembro das dificuldades e momentos passados desde o ensino fundamental onde tive professores que marcaram fortemente meus pensamentos, onde carrego no coração cada um com carinho enorme. Vejo que cada esforço, cada sacrifício, horas de estudo, não foi em vão.

Agradeço a Deus por tudo que tem proporcionado, agradeço aos meus pais Deolinda Oliveira Barboza e Gilberto Carlos Barboza, por estarem comigo em cada momento, sempre me apoiando, pela educação transmitida. Lembro até hoje, quando eu estava no primeiro ano do ensino fundamental, em que eu estava indo mal na escola, minha mãe preparava questões para que eu estudasse, sempre me estimulou e motivou para que eu sempre melhorasse, sempre procurou mostrar a importância dos estudos na minha. Uma das grandes preocupações dos meus pais é e sempre foi me proporcionar uma educação de qualidade, serei grato para sempre por isso, hoje vivo um momento único que sem eles não sei se estaria vivenciando.

Agradeço a minha tia (em memória), que cuidou de mim durante minha infância, enquanto meus pais trabalhavam. Ela tem uma grande parcela sobre minha educação, ajudou muito na formação da minha base.

Agradeço ao meu orientador, o professor Elisandro que com suas sábias palavras abriu meus pensamentos, fazendo com que eu conseguisse expressar melhor o que eu queria expor no meu trabalho de conclusão de curso. A partir do momento em que decidi trabalhar com esse tema a primeira pessoa que me veio nos pensamentos foi ele, por ser um professor atencioso com seus alunos, foi marcante durante a cadeira de Fundamentos da Educação Física no ensino fundamental.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha formação escolar, desde o Ensino Fundamental, Médio e Superior.

Agradeço a todos amigos e familiares que me acompanharam nessa caminhada, me motivando e de alguma forma me ajudando.

Agradeço a todas as escolas e professores, que disponibilizaram parte de seu tempo para colaborar com o presente estudo.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo compreender as influências dos espaços escolares nas aulas de Educação Física e identificar estratégias utilizadas por docentes para contornar as adversidades arquitetônicas e climáticas. Esse estudo se baseia em uma perspectiva qualitativa e descritiva, cuja produção de informações se deu através de entrevistas com professores de escolas da rede estadual, municipal e particular da cidade de Porto Alegre. A pesquisa contou com um total de 9 professores participantes que lecionam em escolas da zona sul e extremo sul de Porto Alegre. Para a realização das entrevistas semiestruturadas foi utilizado um roteiro com questões, em que existia uma flexibilidade em sua estrutura, para que questões não planejadas pudessem ser exploradas com os professores. Também foi realizado diário de campo no dia de cada entrevista, em que mostra o processo de comunicação com as escolas até a entrevista com os professores. Através das visitas nas escolas e as entrevistas com os professores pude compreender que há uma dissemelhança arquitetônica em escolas da mesma rede de ensino, pode-se analisar o contraste em questões de espaços entre as escolas de diferentes redes de ensino. Nem sempre a escola por ser particular terá uma megaestrutura, há escolas municipais com boas estruturas e as escolas estaduais já carecem um pouco quando falamos em questões espaços. Ocasionalmente surgirão imprevistos como: uma adversidade climática, forte calor, clima abafado, chuvas intensas ou então adversidades arquitetônicas, seja por aquele espaço estar ocupado ou pela falta do mesmo. Diante das dificuldades os professores deverão estar preparados para quais quer adversidades e utilizar estratégias para contornar essas dificuldades.

Palavras chaves: Educação Física Escolar. Arquitetura escolar.

ABSTRACT

The present study aimed to understand the influence of school spaces in physical education classes and to identify strategies used by teachers to overcome architectural and climatic adversities. This study is based on a qualitative and descriptive perspective, through interviews with teachers from schools of the state, municipal and private network of the city of Porto Alegre. The research counted on a total of 9 participating teachers who teach in schools of the south and extreme south of Porto Alegre. As a basis for the interviews, a script of semi-structured interview questions was worked out with the teachers, where there was flexibility in their structure so that unplanned issues could be explored. A field diary was also carried out on the day of each interview, which shows the communication process with the schools until the interview with the teachers. Through the visits in the schools and the interviews with the teachers it can be noticed that there is an architectonic dissimilarity in schools of the same network of education, one can analyze the contrast in questions of spaces between the schools of different educational networks. Not always because the school is private will have a mega structure, there are municipal schools with good structures and the state schools already lack a little when we talk about space issues. Occasionally there will be unforeseen events such as: climatic adversity, strong heat, hot weather, heavy rains or architectural adversities, either because the space is occupied or because it is lacking. Faced with difficulties, teachers should be prepared for any adversities and use strategies to overcome these difficulties.

Key words: Physical School Education. School architecture.

Lista de siglas

EFI	Educação Física
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
ESEFID	Escola Superior de Educação Física Fisioterapia e Dança
IPA	Centro Metodista - Instituto Porto Alegre
NBB	Novo Basquete Brasil
WGBT	<i>Wet Bulb Globe Temperature</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA.....	13
1.2 OBJETIVOS.....	13
1.2.1 Objetivo geral.....	13
1.2.2 Objetivos específicos.....	13
2 REVISAO DE LITERATURA	14
2.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SEUS SABERES/CONTEÚDOS.....	14
2.2 AS QUESTÕES ARQUITETÔNICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	20
3 METODOLOGIA	25
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO.....	25
3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	26
3.3 INSTRUMENTOS E MATERIAIS UTILIZADOS NA COLETA DE INFORMAÇÕES.....	30
3.4 PERCURSO DO PROCESSO DE OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES.....	31
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES	32
4.1 ESPAÇO ESCOLAR E AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: O PASSADO E O AGORA.....	32
4.2. AS INFLUÊNCIAS DO CLIMA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	38
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICES	48
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	48
APÊNDICE B – ROTEIRO DE QUESTÕES DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA REALIZADA COM OS PROFESSORES.....	49
APÊNDICE C – CARTA DE APRESENTAÇÃO ÀS ESCOLAS.....	50

1 INTRODUÇÃO

Estou no término do meu curso de licenciatura em Educação Física, lembro até hoje do meu primeiro dia de aula no ensino fundamental e médio, da ansiedade à flor da pele, misturado com um pouco de medo, talvez por estar entrando e conhecendo um mundo diferente e desconhecido. Durante meu percurso na educação básica sempre me identifiquei com os professores de Educação Física, atividade física e com os esportes, principalmente com o futebol. Quando não tínhamos bola para jogar, improvisávamos com garrafas pet ou até mesmo com as orelhinhas de macaco (uma espécie de planta com flor da família *Fabaceae*). Sempre fui uma criança/adolescente bem ativo.

As escolas nas quais cursei ambas as etapas da Educação Básica possuíam uma estrutura socioeconômica um pouco dissemelhantes. A Escola Estadual de Ensino Fundamental Tancredo Neves, onde estudei de 2000 a 2008, era localizada em um bairro de classe baixa, possuía uma estrutura e espaços precários, começando pelas salas de aula que, na maioria eram de madeira, os banheiros, a secretaria, direção e cozinha eram as únicas partes da escola feitas de alvenaria, víamos também algumas salas com ventiladores estragados, classes e vidros quebrados. Um fato que vale ressaltar é que a escola possuía uma pequena pracinha para as crianças do jardim e da primeira série; também havia uma biblioteca.

Partindo para o pátio da escola nos deparávamos com barrancos, algumas vezes utilizados por crianças para brincar, o que se tornava um risco para a segurança. A escola possuía duas quadras esportivas, uma de vôlei em que suas demarcações eram feitas em um concreto duro, onde se um aluno caísse escoriava todo o joelho; e a quadra de futsal, que mais parecia um octógono do que uma quadra por seu formato, pelo fato de não ser muito bem cercada. Em muitas oportunidades as bolas caíam para o lado de fora da escola. Nas aulas de Educação Física, muitas vezes faltavam materiais e a professora trazia de casa para realizar a aula, e mesmo assim, quando tinha, não eram da melhor qualidade. Como não havia ginásio na escola, em dias de chuva as aulas eram realizadas na sala de aula com jogos de cartas e tabuleiro.

No Ensino Médio me deparei com espaços e recursos melhores, estudei na Escola Estadual de Ensino Médio Padre Reus de 2009 a 2011, uma escola referência na zona sul de Porto Alegre. Ao adentrar na escola me deparei com um amplo espaço, bem cercado e monitorado com algumas câmeras, havia um auditório com datashow, laboratório de química e informática, uma ampla biblioteca, um bar, salas de aula bem pintadas com no mínimo três ventiladores e classes bem conservadas. Havia somente dois pavilhões de madeira em um estado não muito bom de conservação, um ginásio poliesportivo, uma quadra poliesportiva e um campo de futebol sete, porém mal conservado com grama alta. Para as aulas de Educação Física, possuíamos ótimos espaços, o mau tempo e as adversidades climáticas não afetavam as aulas pelo motivo da escola ter um ginásio poliesportivo como mencionado anteriormente, tínhamos algumas bolas, não muito boas, à nossa disposição.

Ao ingressar no curso de Educação Física da UFRGS em 2013/2, me deparei com uma estrutura bem diferente das anteriores, como um ginásio de quadra poliesportiva bem estruturado, ginásio de ginástica artística, piscina, sem falar das salas de aula, todas climatizadas. Devemos salientar questões em relação aos materiais. Na UFRGS possuímos uma variedade (bolas para a prática de diversos esportes, entre outros) e melhor qualidade, alguns materiais são doados por professores da instituição mesmo, fato que muitas vezes acontece nas escolas da rede pública, como no caso das escolas onde realizei meus estágios obrigatórios.

Na Escola Estadual Presidente Roosevelt, local onde realizei o estágio de Ensino Fundamental haviam 4 quadras, sendo uma de vôlei, uma de futsal, outra de futsal com tabelas de basquete e uma última de chão batido. Os materiais disponíveis em sua maioria, digo que não haviam muitos, eram doados por professores da UFRGS ou então por antigos estagiários, nos possibilitava variar um pouco mais as atividades. Na escola que em realizei o estágio do Ensino Médio, Escola Estadual de Ensino Médio Padre Rambo, haviam 2 quadras, sendo uma poliesportiva e outra de vôlei, bem conservadas. Em relação aos materiais, possuíamos somente uma bola de vôlei e uma de futsal, *steps* feitos com livros novos que sobraram, desperdício de material público, o restante do material que havia pertencia a professora de Educação Física do turno da manhã. Nós estagiários, muitas vezes trazíamos materiais da ESEFID para realizar as aulas, eu

mesmo, comprei duas bolas de vôlei e levava materiais da academia em que trabalhava para usar nas aulas de treinamento funcional.

Podemos, de certo modo, pensar que a arquitetura escolar, ou seja, o espaço escolar teria uma influência direta no trabalho docente, como no caso de uma aula planejada na quadra ter que ser suspensa por conta do mau tempo, entre outros exemplos. Nesse sentido, Kimura (2008, p. 20) afirma que: “A existência e o consequente acesso a condições de infraestrutura são considerados pelos próprios professores das escolas como um aspecto dotado de importância fundamental para o desenvolvimento de seu trabalho”, então, o espaço escolar estaria diretamente ligado ao desenvolvimento do trabalho docente, aprendizado escolar e sua qualidade. Acredito que para um melhor rendimento e eficiência das ações educacionais necessita-se de uma infraestrutura adequada, e através desse ambiente melhorado, desses recursos a mais, talvez poderíamos observar uma melhora no rendimento, e por consequência maior vontade de aprender.

Segundo Beltrame e Moura (2011), estudos calculam que alunos de instituições com infraestrutura adequada aprendem mais do que os que estudam em escolas sem essas condições. Sátyro e Soares (2007) realizaram um estudo onde através do censo escolar investigaram a infraestrutura de escolas do ensino fundamental brasileiro das regiões rural, metropolitana e urbana em relação a qualidade da educação entre o período de 1997 a 2005. Foram investigadas questões como: saneamento básico, acesso a livros didáticos, espaços esportivos, maior tempo de aula, formação dos docentes e até mesmo acessos a tecnologias. O estudo mostrou que a melhora desses pontos possivelmente pode influenciar no desempenho dos alunos. Como os autores trouxeram em seus estudos, tanto os espaços de aulas, quanto materiais de melhor qualidade e um maior tempo de aula, parecem influenciar diretamente no aprendizado de escolares, despertando um maior interesse e proporcionando diversos conhecimentos.

Para Dayrell (1996) o espaço físico é algo construído socialmente e que é produzido pelos sujeitos, exemplificando melhor, a escola nessas circunstâncias é entendida como tal, onde cada espaço possui um determinado significado para cada membro daquele contexto, o laboratório nos remete as aulas de biologia, química, assim como as quadras esportivas a Educação Física, as bolas aos seus respectivos esportes, bastões à ginástica. Essa demarcação é vista como um ponto negativo por parte dos docentes, pois sentem-se restringidos em realizar seu trabalho. Sendo

assim, os educadores buscam ampliar seus horizontes buscando explorar além dos muros das escolas. Podemos até pensar que os mesmos se sentem “sufocados” dentro deste ambiente, não somente pelo fato do espaço escolar ser, partilhado, controlado e reduzido entre os professores, mas também por não conter outros significados e possibilidades que vislumbram. Assim professores buscam alternativas em lugares extraescolares com intuito de quebrar a rotina e desenvolver atividades que o mundo escolar não dá conta.

São muitas as forças que estimulam e levam as aulas de Educação Física a esportivização, que na maioria das vezes está relacionada ao “quarteto fantástico” (futebol, vôlei, handebol e basquete) sendo o futebol o mais praticado. Dentre estas forças temos a influência da mídia. Para Belloni (2001), a mídia distribui imagens e linguagens, construindo sistematicamente o imaginário de muitos jovens, por oferecer significações através de mitos, símbolos e representações, estereotipando valores, normas e modelos de comportamento socialmente dominante, é do interesse dela aquilo que lhe rende dinheiro. Como havia relatado sobre o futebol, que possui um maior destaque por ser o esporte, podemos dizer com mais adeptos, não dando tanta importância a outros, pelo menos nos canais abertos, não vemos por exemplo a Superliga de Vôlei nem o NBB, somente breves comentários a respeito dos mesmos nos noticiários esportivos.

A maneira como os espaços arquitetônicos escolares estão predominantemente disponíveis e o pouco material que temos, que muitas vezes é somente uma bola de futebol e outra de vôlei, nos levam junto com outros fatores a esportivização escolar. São fatores que têm influência sobre o interesse tanto dos alunos quanto dos professores, assim como os espaços e a mídia influenciam a esportivização, também temos fatos históricos. Segundo Soares (1996), o esporte torna-se prática na Educação Física a partir da ditadura militar no Brasil. Devemos salientar que trabalhar o aprendizado do esporte na escola não é algo ruim, tem sua importância, mas devemos abordar outros saberes importantes, mostrar que a Educação Física não é somente esporte e que possui conteúdos como atividades rítmicas e expressivas, conhecimentos sobre o corpo. O professor deve oferecer um leque de vivências para que assim o aluno possa explorar novas habilidades, gestos motores e tenha um conhecimento ampliado da Educação Física e quem sabe construir novos gostos.

No âmbito da Educação Física encontramos uma diversidade de conteúdos e suas complexidades, com o passar dos anos a Educação Física passou por várias tendências, as quais foram mudando muito em seu processo histórico devido a influência de outras áreas como: medicina, instituição militar e o campo esportivo. De acordo com Bracht (1999) a instalação da Educação Física na instituição escolar emergente dos séculos XVIII e XIX foi fortemente influenciada pela instituição militar e pela medicina. No seu início a Educação Física esteve sob influência da medicina. Segundo Ghiraldelli Júnior (1988) a Educação Física higienista se preocupava em incorporar a Educação Física como agente de saneamento público, com intuito de buscar uma sociedade livre de doenças. Para Chagas (2011), na Educação Física militarista se pregava a boa forma e a disciplina do corpo. Assim, a Educação Física era utilizada em um projeto de eugenia (ou seja, uma forma de seleção genética, em que os menos aptos eram excluídos), na preparação para a defesa da pátria e passou, com isso, a ter uma identidade relacionada a ordem moral e cívica. Nos anos 70 passa a ser caracterizada como esporte, sob influência das campanhas na Copa do Mundo e também do tecnicismo onde priorizava-se a técnica (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997). O grande problema da esportivização acentuada é que muitas vezes acaba exaltando uma seleção dos mais habilidosos e, portanto, esta influência dificultava a inclusão de todos os alunos nas aulas de Educação Física pelo fato de tender a privilegiar os que possuíam potencial atlético, frustrando assim os que tentavam se inserir na prática.

Com a gradual saída dos militares do governo, muitos pensadores na área da Educação Física na década de 80 e 90 apresentaram pensamentos e idealizações sobre como a Educação Física deveria ser apresentada e trabalhada, uns apresentaram propostas políticas pedagógicas propositivas, outros apresentaram reflexões epistemológicas empíricas e cada um deles trouxe sua reflexão, seu pensamento e sua maneira de enxergar a Educação Física na sociedade contemporânea, cada um desses autores produziu obras como: Coletivo de Autores (1992) que discutiam a Educação Física além do movimento pelo movimento e da aptidão física, saúde e bem estar, mas para um contexto muito mais importante, complexo, acadêmico e científico do que vinha sendo trabalhado durante a ditadura militar, anos depois esses estudos passaram a ser chamados de abordagens pedagógicas da Educação Física. Podemos falar que hoje existem cerca de 10 abordagens pedagógicas segundo Darido,(1998) nas quais são: Desenvolvimentista,

construtivista, crítico superadora, crítico emancipatória, saúde renovada, cultural, sistêmica, jogos cooperativos, psicomotricidade, PCN'S¹.

1.1 Problema de pesquisa

Partindo da complexidade que é tratar a Educação Física escolar e do seu vasto conteúdo, e da precariedade escolar, digo em termos de espaços, trago os seguintes questionamentos: como a estrutura escolar influencia nas aulas de Educação Física? Como os professores contornam as adversidades arquitetônicas e climáticas?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Compreender como o espaço escolar influencia nas aulas de Educação Física e identificar estratégias utilizadas pelos docentes para contornar as adversidades arquitetônicas e climáticas.

1.2.2 Objetivos específicos

- Descrever a influência do espaço escolar nas aulas de Educação Física;
- Identificar e descrever estratégias utilizadas por professores de Educação Física para contornar as adversidades arquitetônicas e climáticas.

¹ Alguns autores não consideram os PCN'S como uma abordagem pedagógica por se tratar de diretrizes elaboradas pelo Governo Federal que orientam a educação. São separados por disciplina.

2 REVISAO DE LITERATURA

2.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SEUS SABERES/CONTEÚDOS

Para abordarmos os saberes e conteúdo da Educação Física, antes de mais nada, devemos estar a par da história da Educação Física e de como ela evoluiu até chegar ao que conhecemos hoje. A Educação Física que conhecemos hoje é uma invenção contemporânea, mas os primeiros vestígios das práticas corporais se deram na idade pré-histórica. As praticar corporais surgem no momento em que o homem necessita utilizar de seus movimentos naturais como: Salto, corrida, empurrar, puxar arremessar, entre outros para a sua sobrevivência. Os primeiros vestígios da EFI no Brasil seguem nos mesmos modelos segundo Soares (2007), as formas de movimento corporal dos primeiros habitantes no Brasil eram semelhantes às desenvolvidas na pré-história, na luta pela sobrevivência praticavam diversas atividades.

Segundo Ramos (1982) relata que em uma das cartas de Pero Vaz de Caminha, ele descreve alguns vestígios de atividade física onde indígenas festejavam, saltavam ao som de instrumentos tocados por portugueses. Havemos de deixar claro que, esses dados, não são em si uma maneira pensada de praticar atividade física, e sim atividade de cunho cultural, com diferentes objetivos, com a busca pelo alimento, rituais tanto para o combate quanto para a diversão.

Para falar sobre o início da Educação Física no Brasil necessita-se voltar ao Brasil império onde surgiram os primeiros tratados em relação à educação e a Educação Física, mais especificamente em 1823 com Joaquim Antônio Serpa, elaborou o "tratado de Educação Física e moral dos meninos". Esse tratado era dividido nos que exercitavam o corpo; e os que exercitavam a memória (Gutierrez, 1972). O verdadeiro marco para o início da Educação Física escolar no Brasil é a reforma Couto Ferraz outorgada em 1851, de acordo com Betti (1991), essa reforma tornou obrigatória a Educação Física nas escolas do município da Corte. Em reforma realizada, por Rui Barbosa, em 1882, houve uma recomendação para que a ginástica fosse obrigatória no jardim de infância e nas escolas primária e secundária, para ambos os sexos e que fosse oferecida para as Escolas Normais (Darido, 2012).

Segundo Fonseca et.al 2018, os autores Soares (2007), Castellani Filho (1988), Ghiraldelli Jr. (1988) e Oliveira (1987), apontam a figura de Rui Barbosa

como um importante precursor da ideia da EFI como disciplina escolar responsável pela formação de hábitos higiênicos.

Com a intenção de sistematizar a ginástica dentro da escola brasileira, surgem os métodos gímnicos, com origem das escolas sueca, alemã e francesa que conferiam à Educação Física uma perspectiva eugênica, higienista e militarista em que o exercício físico seria utilizado para a manutenção física e moral, que configura através do higienismo e indivíduos preparados fisicamente para o combate, o militarismo, (Darido e Rangel, 2005). Segundo Reis (2014), das quatro Escolas criadas no Movimento Ginástico Europeu, apenas a alemã, sueca e francesa exerceram influência sobre as práticas gímnicas. “A Escola Alemã, de caráter essencialmente militarista, abrangeu os métodos Alemão e Natural Austríaco; a Sueca possuía um viés médico, de onde surgiram os métodos Sueco, Dinamarquês e a Calistenia; e a Escola Francesa trazia aspectos mais acentuadamente pedagógicos e foi composta pelos métodos Francês e Natural de Hébert” (Reis e Dodô, 2014).

Após a queda da monarquia no Brasil, inicia-se a primeira fase chamada de república velha. Segundo Fonseca et. al. (2018) nesse período republicano, a EFI assume distintas identidades, ordenadas por valores militaristas, pedagogistas e funcionalistas, operando em tempos e em lugares nos quais tais princípios se impunham. Conforme Soares (2012), a Educação Física durante o Brasil República pode ser dividida em duas fases, sendo a primeira do período de 1890 até a revolução de 1930, em que Getúlio Vargas tomou posse; e a segunda fase, configura o período após a Revolução de 1930 até 1946. No primeiro período acontece a criação de diversas escolas de Educação Física, com o objetivo principal de formação militar (Ramos, 1982). A partir da segunda fase a Educação Física passou por um novo e decisivo impulso no Brasil, durante o governo de Getúlio Vargas, a partir da década de 30 ocorreram várias reformas no ensino primário, secundário e superior, iniciando um ciclo de reestruturações no ensino brasileiro, ouve a criação do ministério da educação e da saúde (Castellani Filho, 1991).

Nessa época a classe médica e militar exerciam forte influência, com a ideologia de eugenia teoria baseada nas leis genéticas, essas medidas eugênicas influenciavam principalmente a saúde pública para que ocorresse aos seus descendentes e resultando uma raça brasileira mais forte, saudável e apto para o trabalho, exército e ideia voltada para o Patriotismo e Nacionalismo (Soares, 2007).

Durante a década de 20, vários estados e federações passam a incluir através de reformas educacionais a Educação Física nas escolas, entretanto com o nome de ginástica, formando assim a primeira base institucional para a Educação Física moderna no mundo ocidental (Betti, 1991).

Podemos ver que os movimentos seguem o interesse do estado, com intuito de preparar um cidadão forte e saudável, tanto para defender a pátria quanto para o trabalho, excluindo os “incapacitados”. Ambas as concepções consideravam a Educação Física como uma disciplina simplesmente prática, sem uma fundamentação teórica que desse suporte, segundo Darido (1998), para ensinar a Educação Física não era preciso dominar conhecimentos e sim ter sido um ex-praticante. Conforme pode-se analisar com a literatura trazida, ao longo de sua história a Educação Física vai sofrendo uma série de mudanças.

O que reforça ainda mais a afirmação do parágrafo anterior é o fato da Educação Física passar a ser associada ao esporte, principalmente com o futebol, após o sucesso da seleção nacional nas copas de 1958, 1962 e 1970. Nessa época, o principal objetivo era por meio da Educação Física, fazer com que, o país alcançasse um alto nível competitivo, desviando os olhares dos episódios políticos que vinham acontecendo (Betti, 1991). Nessa época houve um investimento alto do governo militar. Essa fase passa a ser denominada esportivista, mecanicista ou então tecnicista, em que está muito presente no contexto da Educação Física o rendimento e a seleção dos mais habilidosos sendo a prática voltada a repetição mecânica, exaustiva dos movimentos voltados ao esporte. Atualmente a cultura de seleção não é tão presente, visto que muitos profissionais estão realizando trabalhos diferentes e qualificados.

A concepção esportivista recebeu inúmeras críticas, com isso a Educação Física escolar, volta-se para o outro extremo, onde o aluno é quem decide o que será realizado, modelo esse de acordo com (Kunz, 1994 apud Darido, 2008) denominado recreacionista. A prática de simplesmente oferecer os materiais aos alunos é condenada por não considerar a importância dos procedimentos pedagógicos dos professores considerado o famoso “rola bola”.

Segundo Betti, (2002, p.74) “tal valorização social das práticas corporais de movimento legitimou o aparecimento da investigação científica e filosófica em torno do exercício, da atividade física, da motricidade, ou do homem em movimento”. Desde a década de 80, a Educação Física buscava se livrar do estigma de uma

disciplina meramente prática, do exercício pelo exercício, em que os alunos não tinham um conteúdo a ser estudado e refletido. Durante a ditadura militar houve um decreto² publicado em 1971 que direcionava a Educação Física escolar para o desenvolvimento da aptidão física (Gonzalez, 2009).

Nos dias de hoje, distintas concepções coexistentes na área da Educação Física segundo Meneses (2013), têm em comum a tentativa de romper o modelo tecnicista, mecanicista e tradicional. A LDB (Lei das Diretrizes e Bases nº 9394/96) e, posteriormente os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997) contribuíram para o firmamento da Educação Física como componente curricular da escola básica. De acordo com Darido e Neto (2008), houveram controvérsias e intensas disputas políticas, durante e depois da construção de ambos os documentos, alimentadas pelo movimento renovador³ iniciado nos anos 80 com o intuito de mostrar que a Educação Física possui um conteúdo próprio.

Podemos, de certa forma, pensar que o movimento renovador gerou o que hoje conhecemos como abordagens pedagógicas. Segundo Darido (2008) inúmeros autores anunciaram e organizaram propostas para a Educação Física escolar, como: Medina, Betti, Ghirdelli Junior, Mariz de oliveira, entre outros. No presente estudo abordaremos as dez abordagens elencadas por Suraya Darido.

A psicomotricidade é o primeiro movimento que surge em contraposição aos modelos anteriores na década de 70 segundo Darido (2008). Porém é uma concepção que surgiu tempos antes no Brasil, mais precisamente na década de 50, a partir de da década de 80 começaram a surgir as primeiras publicações brasileiras na área da psicomotricidade (Falcão e Barreto 2009). Conforme Darido (2008) afirma, Jean le Boulch foi o autor que mais influenciou o esse pensamento em nosso país, o mesmo afirmava que a psicomotricidade defende uma ação educativa que deve ocorrer a partir dos movimentos espontâneos da criança e das atitudes corporais, favorecendo a gênese da imagem do corpo, núcleo central de sua personalidade, em que busca desatrelar sua atuação na escola dos pressupostos da instituição esportiva, valorizando o processo de aprendizagem e não a execução de um gesto técnico isolado.

² Art. 3º. A educação física, desportiva e recreativa escolar, segundo seus objetivos, caracterizar-se-á: § 1º A aptidão física constitui a referência fundamental para orientar o planejamento, controle e avaliação da educação física, desportiva e recreativa, no nível dos estabelecimentos de ensino.

³ Movimento renovador, foi o nome dado anos depois à inúmeros acontecimentos da época que contribuíram para as mudanças na educação física.

Segundo Tani et al. (1988) a abordagem desenvolvimentista é uma tentativa de caracterizar a progressão normal do crescimento físico do desenvolvimento, cognitivo, motor, fisiológico e social. Trabalha a evolução do aluno em inúmeros aspectos, incluindo os menos aptos. De acordo com Darido (2008) os autores dessa abordagem defendem a ideia de que o movimento é o principal meio e fim da Educação Física garantindo o seu objetivo.

Até aqui as propostas abordadas possuem em comum o fato de não estarem vinculadas a uma teoria crítica em relação a educação, realizando assim uma crítica do papel da educação na sociedade capitalista, uma categoria centralizada de acordo com Valter Bracht (1999). Assim segundo Soares (1992) a abordagem crítico-superadora usa um discurso de justiça social, buscando relacionar a cultura corporal a temas atuais, baseada no marxismo. Um dos desdobramentos da tendência crítica é a emancipatória que segundo (Kunz,1994), valoriza a compreensão crítica do mundo, da sociedade e de suas relações visando trabalhar a autonomia dos alunos com uma metodologia valorizando a criatividade e a linguagem sem deixar de lado o movimento humano através dos jogos e esportes.

Segundo Silva et. al. (2015), a metodologia buscada pela Saúde Renovada procura incluir atividades e exercícios divididos em níveis de intensidade podendo assim ser trabalhada com qualquer faixa de idade. Ela pode ser leve, moderada ou intensa respeitando os limites individuais. Traz a ideia de uma Educação Física responsável pela promoção e manutenção da saúde, a abordagem saúde renovada aparece considerando os avanços do conhecimento biológico das atividades físicas (LAVOURA et. al. 2006, p. 205). O que a difere da tendência higienista são alguns princípios como o da não-exclusão em que a abordagem considera a Educação Física como um todo e não apenas em modalidades esportivas e jogos (Brasil,1999).

Por último temos os Parâmetros curriculares nacionais, que trazem uma proposta que busca democratizar, diversificar e humanizar a prática pedagógica da área, incorporando as dimensões afetiva, cognitivas e socioculturais dos alunos (Brasil, 1999). Há alguns pesquisadores que não consideram os PCN'S uma abordagem pedagógica. Segundo Darido (2008), o fato da preocupação com o pleno exercício da cidadania, expressa nos PCN'S, permite considera-lo como uma abordagem cidadã para a Educação Física, elaborando questões sociais nos temas transversais, como: ética, saúde, meio ambiente, pluralidade, cultura, orientação

sexual, trabalho e consumo, promovendo inclusão e problematização crítica através do esporte.

A Educação Física possui uma ampla quantidade de conteúdo, fruto de uma longa história relacionada com a produção cultural da sociedade. Os conteúdos devem trazer um significado real em torno do que se aprende na escola e o que se vive no dia a dia. Desse modo, junto com a relevância social de se trabalhar os conteúdos, BRASIL (1999) aponta a preocupação de se trabalhar os conteúdos escolares nas três dimensões: Atitudinal, conceitual e procedimental, para assim ter um entendimento ampliado e consistente do que está sendo trabalhado.

Darido (2012) afirma que por conta de sua trajetória histórica e tradição, o docente centraliza-se no desenvolvimento de conteúdo de ordem procedimental e fortalece a ideia de que é preciso superar essa perspectiva fragmentada, envolvendo as dimensões atitudinais e conceituais. Numa perspectiva como já colocado, os PCNs sugerem que os conteúdos sejam trabalhados nas três dimensões (atitudinal, conceitual e procedimental), envolvendo, dessa forma, o conhecimento sobre o corpo, esportes, jogos, atividades rítmicas e expressivas, ginásticas e lutas (Brasil, 1999).

O conteúdo procedimental é composto pelo conjunto de técnicas, habilidades ou procedimentos que devemos saber executar, ou seja, é um “saber fazer” (Freire, 1999), como por exemplo: chutar uma bola, realiza um saque no vôlei, um arremesso no basquete, procurar melhoria de movimentos, entre outros fundamentos. Dimensão conceitual é composta de fatos, caracterizando um saber sobre, o direito do aluno saber o porquê realizar o movimento de determinada forma. Na Educação Física, esse conteúdo é composto de conhecimentos sobre o movimento (Freire, 1999). A dimensão atitudinal corresponde aos valores e atitudes que o professor quer ensinar aos seus alunos, refere-se ao conhecimento de si mesmo, de como o aluno se formará socialmente através de práticas corporais. Darido (2008) aponta inúmeros aspectos, entre eles estão: solução de problemas com atitudes de diálogo e não violência; a valorização do patrimônio de jogos e brincadeiras em seu contexto; respeito aos colegas e adversários estímulo à participação das atividades em grupos. Segundo Darido (1998), a Educação Física ao longo de sua história, priorizou basicamente e quase que exclusivamente os conteúdos em uma dimensão procedimental, o saber fazer e não o saber sobre a cultura corporal ou como se deve ser.

Os conteúdos podem ser organizados tomando como ponto inicial as disciplinas, fazendo o que chamamos de interdisciplinaridade, estimulando com que o aluno veja e sinta a necessidade de recorrer a outras disciplinas para compreender aquela na qual está trabalhando determinado conteúdo. Como por exemplo, estabelecer relações entre a atividade física e a área das ciências que poderá contribuir para a relação do estabelecimento entre o gasto calórico e o movimento, a física para explicar o porquê desse movimento.

A área da língua portuguesa poderia entrar em um outro momento organizando um roteiro de entrevistas buscando informações sobre as práticas da atividade física de uma determinada população local, quantas pessoas realizam, qual o tipo de atividade, quantas vezes por semana, o local. A matemática poderia entrar colaborando com interpretações das informações através de gráficos.

Hoje os professores possuem documentos a sua disposição que os auxiliam na elaboração dos conteúdos e competências a serem trabalhadas no espaço escolar, a exemplo disso, há o referencial curricular do Rio Grande do Sul, que serve como material de apoio para o plano de estudos das escolas.

É incrível ver como a Educação Física, através dos tempos evoluiu até se tornar o que vemos hoje. Ao longo dos anos, o Estado e o sistema passaram por constantes mudanças. A Educação Física seguiu no mesmo rumo, adaptando-se a novas tendências como a gradual mudança do Brasil império para o Brasil republica, com o surgimento do estado novo, a ditadura militar e os acontecimentos da copa do mundo com a seleção vencedora. Castellani Filho (1988) já afirmava que Educação Física era utilizada politicamente como uma arma servindo como poderoso instrumento ideológico e de manipulação para que as pessoas continuassem alienadas e impotentes diante da necessidade de verdadeiras transformações no seio da sociedade. Devemos estar cientes de que é algo que estará em constante mudança e que haverá novos temas a serem abordados, diferentes maneiras de transmitir conhecimentos e o professor precisa estar atento e atualizado a essas mudanças.

2.2 AS QUESTÕES ARQUITETÔNICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A preocupação com espaço físico e materiais para as aulas de Educação Física é algo bem antigo. Beltrami e Moura (2009) afirmam que o espaço escolar

configura-se como elemento fundamental para a formação do ser humano. Assim como a Educação Física e seus conteúdos, os espaços escolares e a arquitetura escolar passaram por modificações ao longo da história, principalmente após a Proclamação da República, em 1889, onde segundo Marques (2002), foram criados os órgãos específicos para o desenvolvimento da arquitetura escolar. O mesmo afirma que os espaços eram pensados e planejados muitas vezes por equipes formadas por pessoas estrangeiras que adaptavam aos padrões europeus e norte-americanos.

Possivelmente quando a maioria das pessoas olham para a quadra esportiva na escola, a primeira imagem que surge nos pensamentos é um grupo de alunos praticando algum esporte (o que muitas vezes seria o tradicional futebol ou vôlei) em uma aula de Educação Física, algo construído social e culturalmente. O professor precisa trabalhar a desconstrução dessas características, explorar diferentes espaços da escola, trazendo diferentes experiências aos seus alunos. A arquitetura escolar é um programa silencioso onde designa significados e representações aos espaços físicos, cumprindo funções culturais e pedagógicas (Frago e Escolano, 2001). Espaços escolares são representações silenciosas onde suas características falam por si só, gerando influência sobre as pessoas que ali frequentam, como uma biblioteca, onde todos sabem que este é um local onde deve haver silêncio; seguindo na mesma linha veem as aulas de Educação Física restrita ao pátio e as quadras.

A cultura escolar restringe as aulas de Educação Física somente ao espaço das quadras e muitas vezes esse espaço estimula apenas o conteúdo esportivo como afirma Gaspari et. al. (2006). Como havia relatado anteriormente, a escola na qual conclui o ensino médio dispunha de bons espaços, como na época a Educação Física na escola era separada por modalidades, eu somente realizava futsal, as aulas aconteciam somente na quadra. Vejamos que os demais recursos, como o auditório que havia com datashow, ótimo para uma aula expositiva, não era explorado como algo importante. O espaço físico escolar destinado a Educação Física poderia ser muito mais amplo que uma quadra, um pátio ou uma sala. Matos (2005) afirma que o espaço físico escolar é um meio facilitador para a busca do senso crítico e da autonomia corporal, possibilitando ao educando formas de expressão da sua cultura e de suas vivências motoras, sociais e afetivas, seja no espaço que for.

Nesta linha de pensamento, o estudo de Wilkinson (1992) torna-se interessante. Tal estudo recrutou 20 alunos que faziam o toque, o passe de manchete e o saque. Um outro grupo de 38 pessoas fazia as mesmas atividades, mas tinham aula teórica com o recurso visual do vídeo tape por 15 minutos. Esses alunos também liam e debatiam, em sala de aula, livros técnicos de voleibol sobre acerto, erro e melhoria das técnicas dos fundamentos do voleibol. Depois de um ano de curso de voleibol, 9 alunos eram do grupo que realizava aula teórica e 8 não. Os resultados mostraram que os alunos da aula teórica conseguiram melhor aprendizado do saque, toque e passe de manchete, também sabiam o motivo do erro que cometiam. Vejamos a importância de uma aula teórica que poderia ser explorada tendo o espaço disponível. Infelizmente na realidade muitas vezes a escola não possui nem mesmo uma quadra adequada para a realização das atividades, como no caso da escola na qual cursei o ensino fundamental, realidade de muitas escolas do estado.

Há algumas polêmicas acerca da esportivização da Educação Física, como em que o professor de Educação Física deve explorar outras habilidades de seus alunos, mas em muitas vezes os professores sentem dificuldades de desenvolver outros tipos de conteúdo por conta da falta de espaços e materiais. Durante meus estágios obrigatórios passei por muitas destas situações me deparando com a falta de materiais, onde muitas das vezes era complicado até mesmo trabalhar os esportes tradicionais como futsal e vôlei. De Oliveira et. al. (2011) chegou à conclusão que professores de Educação Física sentem dificuldades de desenvolver determinados conteúdos justamente pela falta de espaços físicos ou materiais específicos limitando os docentes aos conteúdos esportivos, o que acaba por agravar-se durante os dias chuvosos interferindo no trabalho.

Em um estudo de caso realizado por Severo e Carvalho (2015) sobre a carência de espaço físico na escola, os autores mostraram que o conteúdo esportivo é o que mais sofre com a carência de espaço físico impossibilitando de trabalhar sua diversidade. Seguindo nessa linha, o ensino e a aprendizagem não podem ficar limitados pela falta ou inexistência de espaços físicos. Entretanto, Bracht (2003, p. 39) relata que “a existência de materiais e espaços físicos específicos para a Educação Física é importante e necessária, sua ausência ou insuficiência podem comprometer o trabalho do professor”. A LDB N° 9.394/96 artigo 70 garante como manutenção e desenvolvimento do ensino as despesas realizadas com vistas à

obtenção dos objetivos básicos das instituições educacionais de todos os níveis” II - aquisição, manutenção, construção e conservação de instalações e equipamentos necessários ao ensino”.

As adversidades climáticas aliadas à falta de espaços cobertos para a realização da Educação Física expõem professores e alunos nas aulas sobre uma incidência de agravantes à saúde. Seguindo nessa linha, Wilhelms e Sampaio (2017) em um estudo investigatório colheram relatos de um professor em uma escola da rede estadual do Paraná que relatou que a saúde vinha sendo afetada em decorrência da exposição às adversidades do clima, como calor, frio e chuva, pelo motivo de não haver quadra de esportes coberta. Foram citadas: problemas de pele, faringite, problemas com a voz, dores de cabeça e estresse excessivo provocado por toda situação. Essas situações acabam ocasionando na necessidade de adaptação de espaços, o que acaba gerando perda de tempo de aula e do trabalho pedagógico, gerando uma desvalorização da disciplina e do trabalho do professor, assim comprometendo o desenvolvimento dos conteúdos e a aprendizagem.

Algo que deve ser pensado para a realização das aulas de Educação Física é quanto ao estresse térmico gerado ao aluno durante a prática das aulas de Educação Física. A título de curiosidade e algo que dá para pensarmos e relacionarmos com a Educação Física foram as medições climáticas ocorrido antes e durante as partidas de futebol da Copa do Mundo de 2018 realizadas na Rússia. As seleções recebiam as informações sobre o desgaste físico dos jogadores através do WGBT, sigla inglesa que faz referência a temperatura, vento, umidade e irradiação. O aparelho é colocado no campo antes ou no intervalo do jogo e através de sensores mede os quatro elementos citados anteriormente. O resultado é obtido em forma de cores: verde ou amarelo a condição do ambiente é favorável, já se der laranja ou vermelho o jogador irá se desgastar mais, tanto é que em muitos momentos os jogos eram parados para hidratação dos atletas.

Nossos jovens passam por situações semelhantes, expostos a estresse térmico durante as aulas de Educação Física, muitas das vezes realizada em quadras não cobertas. Rodrigues e Almeida (2008), em um estudo realizado no IFMT (Instituto Federal de Mato Grosso) durante as aulas de Educação Física em diferentes espaços (quadra coberta, sala de musculação e sala de ginástica), avaliaram o grau de estresse térmico dos alunos em diferentes horários. Os pesquisadores puderam observar que os alunos estavam sendo expostos a um risco

de moderado a alto para a hipertermia, mesmo ocorrendo em lugares cobertos. Muitas escolas no Brasil à fora não possuem quadras cobertas e muitas vezes alunos são expostos a essas condições, os mesmos autores recomendam nessas condições não realizar atividades competitivas e exercícios muito intensos já que contribuiria para elevar o risco a saúde do aluno.

Condição climática aliada a falta de espaços são fatores que influenciam nas aulas de Educação Física. Vivenciei muito esses acontecimentos, sobretudo no estágio do ensino médio durante os dias chuvosos, quando ministrava aulas teóricas no auditório. Porém, nem sempre os professores terão um datashow e espaços bons a sua disposição, muitas vezes será exigido de sua criatividade para planejar atividades para dar continuidade aos seus conteúdos programados, demandando sempre com uma “carta na manga”. Damazio e Silva (2008) apontam a falta de espaços físicos e instalações como fatores que podem comprometer o trabalho pedagógico da Educação Física. Rodrigues e Darido (2006) propõem como alternativa para falta de espaços físicos nas escolas um possível envolvimento da comunidade local para a realização das atividades, assim explorando os parques e praças do local.

Imaginemos uma situação: uma semana de chuva intensa ou então de forte calor, em que uma escola não possui uma quadra coberta com materiais já escassos, qual seria a posição dos nossos professores diante disso? Quais estratégias utilizariam para transmitir o conteúdo e assim dar continuidade às aulas?

Essas questões pertinentes me levaram a buscar compreender como os professores contornam as adversidades tanto arquitetônicas quanto climáticas e é o que veremos nos próximos capítulos.

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

O presente estudo busca através de uma perspectiva qualitativa e descritiva compreender como o espaço escolar influencia nas aulas de Educação Física e identificar estratégias utilizadas pelos docentes para contornar as adversidades arquitetônicas e climáticas. Sendo assim, a produção de informações se deu, principalmente, por meio de entrevista semiestruturada com professores da rede estadual, municipal e particular do extremo sul da cidade de Porto Alegre. Foi preparado um roteiro com questões com o intuito de buscar compreender como o docente lida com as adversidades tanto arquitetônicas quanto climáticas nas diferentes redes de ensino. Além das entrevistas, foram realizados diários de campo no dia de cada entrevista descrevendo tanto o processo de comunicação com as escolas para realizar as entrevistas quanto a recepção no dia da entrevista.

Para preservar a identidade dos participantes e das escolas, foram utilizados nomes fictícios, sendo assim, irei me referir as escolas de acordo com a rede de ensino e a letra “A” (primeira escola visitada) ou “B” (segunda escola visitada). Para um melhor entendimento sobre os locais e os professores, montei um quadro informando o nome do professor, idade, rede de ensino que atua, data da entrevista e duração da mesma.

Professor	Idade	Escola	Data da entrevista	Duração
Alexandre	45 anos	Estadual A	23/08/18	20 minutos
Brenda	49 anos	Estadual B	28/08/18	17 minutos
Valter	52 anos	Estadual B	04/09/18	24 minutos
Lizandra	39 anos	Municipal A	11/09/18	22 minutos
Helen	54 anos	Municipal A	11/09/18	40 minutos
Rafaela	32 anos	Municipal B	02/10/18	19 minutos
Leonardo	33 anos	Municipal B	02/10/18	28 minutos
Douglas	28 anos	Particular A	17/09/18	35 minutos
Amanda	29 anos	Particular B	17/10/18	21 minutos

3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Os sujeitos participantes e colaboradores do estudo foram professores de Educação Física, que lecionam em escolas de diferentes contextos sociais, econômicos, culturais e possuem diferentes formas de organização. A entrevista foi realizada com docentes de duas escolas da rede estadual, duas da rede municipal e por fim duas da rede particular, todas as escolas estão localizadas na zona sul e região extremo sul de Porto Alegre. Foram entrevistados nove professores sendo três da rede estadual, quatro da rede municipal e dois da rede particular. Sendo que uma professora entrevistada da rede municipal também lecionava na rede estadual e particular. Deste modo, foi possível observar e analisar a influência dos diferentes contextos, espaços e situações sobre a prática pedagógica dos docentes. A comunicação com as instituições se deu através de telefonemas e e-mail.

O primeiro a ser entrevistado foi o professor Alexandre de 45 anos, professor que leciona somente na Escola Estadual A, com 40 horas semanais. Ele atua na escola há 3 anos, dá aula para o ensino médio e turma finais do ensino fundamental.

A escola está localizada no bairro Belém Novo zona sul de Porto Alegre, atende alunos de ensino médio no turno da manhã e noite, ensino fundamental na parte da tarde e EJA à noite. A escola possui um ginásio com teto coberto e as laterais expostas, com duas quadras de futsal sem marcação, espaço esse que é dividido quando há duas turmas na Educação Física. A escola ainda conta com 17 salas, sala dos materiais de Educação Física, laboratório de ciências e informática, biblioteca, sala com projetor multimídia, dependências e vias adequadas para alunos com deficiência ou mobilidade física, sala da direção secretaria e supervisão logo na entrada da escola, refeitório, dispensa, almoxarifado.

Para a realização do estudo na escola, no dia anterior a entrevista, foi feita uma ligação para a escola, marcando horário para falar com a supervisão. Ao chegar na escola, esperei a supervisora resolver questões da escola, para que pudesse me atender. Fui muito bem recebido na escola, conversei um pouco com a supervisora, apresentei o projeto de pesquisa, expliquei do que se tratava e já de imediato ela me levou e me apresentou ao professor de Educação Física da escola. A supervisora inclusive disse que já recebeu aluno de mestrado da UFRGS para realizar pesquisa na escola.

A segunda escola visitada foi a Escola Estadual B, localizada no bairro Hípica. Em termos estruturais a escola conta com 14 salas, laboratório de informática, uma pequena biblioteca, projetor multimídia, quadra de esporte aberta que não se enquadra nos padrões. Nessa instituição foram entrevistados a professora Brenda e o professor Valter.

O contato com a escola se deu diretamente com a diretora, em que permitiu o acesso à escola. Ao chegar na escola identifiquei-me no portão e a monitora me levou até a vice-diretora, expliquei sobre o TCC e ela me encaminhou até a secretaria da escola para falar com a diretora. Esperei alguns minutos até a chegada da diretora, expliquei a ela do que se tratava, apresentei meu projeto e ela pediu para que eu esperasse na sala da direção e se dirigiu até a professora de Educação Física. Como era horário de intervalo esperei alguns minutos até a professora pegar a turma e encaminha-la ao pátio, fomos até a biblioteca onde realizei a entrevista.

A primeira entrevista na escola foi realizada com a professora Brenda de 49 anos, formada há 24 anos, pelo IPA, está há 3 meses na escola, ela também leciona em outra escola estadual localizada na zona leste da capital gaúcha.

A segunda entrevista na escola foi realizada em outro dia, pois o professor não estava no mesmo dia. Fui na escola em uma segunda feira, chegando lá me identifiquei na secretaria, porem o professor havia falado que não poderia ir à escola. Na terça feira a tarde retornei na escola para aí sim realizar a entrevista, esperei cerca de 10 minutos na secretaria e o professor me atendeu na biblioteca. O professor entrevistado chama-se Valter de 52 anos, formado na UFRGS em 1998, atua há 10 anos na escola, com turmas no turno da tarde, além da escola estadual B ele também leciona em outra escola da zona sul dando aula para o ensino médio.

A terceira instituição visitada foi a Escola Municipal A que atende a educação infantil e ensino fundamental, está localizada no bairro Moradas da Hípica. A escola conta com uma boa estrutura, uma quadra poliesportiva coberta e outra aberta, uma pista de *skate*, uma pista de chão batido para corrida com um campo pequeno de futebol no meio, na escola também encontramos uma sala com muitos materiais esportivos confeccionado junto aos alunos, sala de informática, biblioteca, refeitório, duas pracinhas para a educação infantil, uma horta, uma sala com projetor multimídia. A escola conta com forte participação da comunidade, inclusive foi com a ajuda dela através de festa junina que foi arrecadado o dinheiro para a construção da pista de *skate*.

Helen de 54 anos, formada pelo IPA, atua há 7 anos fazendo 10 horas semanais trabalhando com a educação infantil, em outra escola da rede municipal ela realiza mais 30 horas semanais trabalhando com o ensino fundamental. Já atuou em escola particular com a educação infantil, em clube de nataçãõ.

Logo após a entrevista com a professora Helen, fui atendido na biblioteca pela professora Lizandra de 39 anos. Formada desde 2001, fez mestrado na UFRGS, Sempre atuou na Educação Física escolar tanto com o ensino fundamental e médio, está há 4 anos na escola com 40h semanais, lecionando para turmas de series finais do ensino fundamental.

A quarta escola visitada foi da rede particular, irei me referir a ela como escola particular A, que está localizada na zona sul de Porto Alegre, mais precisamente no bairro Ipanema, a escola comporta a educação infantil, fundamental e médio. A escola dispões de um amplo espaço contando com: biblioteca, bosque, cantina/restaurante, espaço *maker*, tecnologias educacionais, galpão crio-o, ginásio de esportes, laboratório de ciências da natureza, mini quadras ao ar livre, pracinha, quadra de grama sintética coberta, salão de eventos, salas especializadas. Vale ressaltar que a escola está passando por uma reforma, ampliando o número de quadras, para duas quadras sintético, e duas quadras poliesportivas coberta além de um campo de futebol. A escola conta com alguns projetos, como iniciação científica de proficiência em inglês entre outro.

A comunicação com a escola se deu através de e-mail, primeiro a comunicação se iniciou com a direção, após passou para a coordenadoria e em seguida diretamente com o professor. No dia da entrevista cheguei na escola e me identifiquei na portaria onde minha entrada foi liberada. Chegando na recepção fui atendido por uma recepcionista que imediatamente ligou para a secretaria onde o professor Douglas já me aguardava. Douglas tem 28 anos, atua na Educação Física desde 2008, formado em 2011 pela UFSM, natural de lá. Ele atuava nessa mesma rede escolar há 5 anos, desses cinco anos, dois anos são aqui em Porto Alegre com 12h diárias, após ter pedido que fosse feita a mobilidade. Já trabalhou com a educação infantil, médio e hoje trabalha com sexto e sétimo ano do ensino fundamental.

A quinta escola visitada foi a escola municipal B, localizada no bairro Aberta dos Morros, zona sul de porto alegre. A escola atende desde a educação infantil até os anos finais do ensino fundamental, também atende o EJA no período da noite.

Em termos estruturais a escola conta com: uma quadra coberta, uma descoberta para futsal, uma quadra descoberta para vôlei, uma pracinha, uma sala com espelhos que pode ser usada para a Educação Física e para aulas com datashow, uma sala de artes, uma sala de música com alguns instrumentos, laboratório de informática e ciências, biblioteca, banheiro adequado para alunos com deficiência, refeitório, sala de recursos multifuncionais para atendimento educacional especializado. A escola costuma interagir bastante com a comunidade, realizando eventos como festa junina e uma rustica no final dos anos, onde vem além da comunidade alunos de outras escolas para participar.

Para a realização da entrevista na escola, liguei um dia antes para saber se seria possível me receber, então, os funcionários da secretaria pediram para que eu fosse até a escola e apresentasse meu projeto para a direção. Chegando na escola, toquei a campainha e uma monitora me recebeu, expliquei do que se tratava e então ela me levou até a diretora. Após apresentar meu projeto a diretora me apresentou para a professora. Nossa conversa aconteceu na sala dos professores, Rafaela tem 32 anos, formada no IPA, está há dois anos na escola, além dessa escola municipal ela atua no Colégio Militar e por coincidência também atua na escola privada A citada anteriormente.

No mesmo dia logo após a entrevista com a professora Rafaela, entrevistei outro professor, na sala de música. Leonardo, 33 anos, se formou na UFRGS em 2008, 2010 entrou para a rede municipal de ensino, está há 3 anos na escola, este ano está trabalhando na coordenação de projetos, mas sempre quando falta algum professor, ele cobre a falta.

A última escola visitada foi a escola particular B, localizada no bairro Belém Novo, no extremo sul de Porto Alegre que atende turmas somente do ensino fundamental. A comunicação com a escola se deu através de email e telefone. Primeiramente entrei em contato através do email onde me comuniquei com a direção da escola que ficou de repassar o email para a professora. Como a escola demorou a dar o retorno, então eu liguei para lá e a secretaria repassou para a direção de ficou de entrar em contato comigo através do email. A direção novamente respondeu o email me passando o contato da professora Amanda, marcamos um horário em uma janela de período vago.

No dia da entrevista, comuniquei minha chegada na secretaria da escola. A professora foi chamada e então fomos para a sala dos professores para a realização

da entrevista. A professora Amanda tem 29 anos, formada na PUC RS desde 2012 possui licenciatura plena, sempre estudou em escolas particulares, seus estágios durante o percurso acadêmico também foram em escolas particulares. Está na escola há 4 anos, onde é a primeira escola em que ela pegou como professora titular de turmas (a única professora de Educação Física da escola), além dessa escola ela atua em outra escola da rede particular de Porto Alegre. Após a entrevista a professora me apresentou os espaços da escola que conta com um ginásio alugado de uma igreja ao lado da escola a passagem se dá por um corredor estreito que foi feito para que os alunos não precisassem sair por fora da escola, os prédios da escola estão dispostos em blocos no formato de uma letra “U” em que no centro está o pátio da escola. Temos uma quadra de futebol mais ao canto da escola, uma pracinha, biblioteca, laboratório de informática e sala multimídia.

3.3 Instrumentos e materiais utilizados na coleta de informações

Os instrumentos que foram utilizados para a coleta de informações da pesquisa de campo, foram entrevistas semiestruturadas individuais com os professores (no Apêndice B apresento o roteiro das questões de entrevista semiestruturada que foram trabalhadas com os professores, em que existia uma flexibilidade em sua estrutura, para que questões não planejadas pudessem ser exploradas) e o diário de campo. Foi utilizado um termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A- Termo de consentimento livre e esclarecido) para a realização da gravação, solicitando o consentimento do sujeito participante da pesquisa de forma livre para participar da pesquisa. Para ter acesso as escolas e como maneira de identificação foi utilizado uma carta de apresentação (Apêndice C - Carta de apresentação às escolas). As entrevistas foram gravadas e imediatamente transcritas.

3.4 Percurso do processo de produção de informações

Toda a parte de comunicação com as escolas estaduais e municipais foi realizada através de telefonemas. Eram feitas ligações para as escolas, me apresentava e explicava do que se tratava, então era marcado um dia para ir na escola fazer a visita e as entrevistas. Já com as escolas particulares, a comunicação foi realizada através de e-mails me identificando e relatando do que se tratava, com uma delas foi necessário enviar antes o questionário para o professor analisar.

Sempre na chegada as escolas estaduais, me dirigia até a secretaria e era feita a identificação mostrando a carta de apresentação, assim a coordenadora me levava até a diretora ou vice-diretora, para que eu apresentasse o projeto da pesquisa e seus objetivos para então ser encaminhado até o professor e realizar a entrevista.

Nas escolas municipais também ocorria o telefonema e era marcado o dia da entrevista, na entrada eu me identificava através de um interfone, para assim liberarem minha entrada no portão. Chegando na secretaria ocorreu o mesmo procedimento, fui encaminhado até a sala da direção onde apresentei os documentos (carta de apresentação e projeto do TCC), para assim o professor me atender.

Nas escolas particulares, a comunicação foi um pouco mais complicada, algumas não me responderam e outras afirmavam não poder receber. Na primeira escola, era necessário comunicar a chegada na portaria e o porteiro anotava o número do RG, para assim liberar a entrada, após entrar na escola, eu deveria me dirigir até a recepção e falar que tinha hora marcada com o professor que já estava na secretaria me esperando.

Além da entrevista realizada, no dia de cada visita produzi um diário de campo detalhando, desde a parte de comunicação com a escola até a fala com os professores, a forma como fui recebido pela direção da escola, pelos professores e funcionários.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES

Tendo como base a entrevista dirigida aos professores e os diários de campo, procurei compreender como o espaço escolar influencia nas aulas de Educação Física e identificar estratégias utilizadas pelos docentes para contornar as adversidades arquitetônicas e climáticas. Também tive como objetivo descrever a influência do espaço escolar nas aulas de Educação Física, identificar e descrever estratégias utilizadas por professores de Educação Física para contornar as adversidades arquitetônicas e climáticas. Com as entrevistas foi possível analisar superficialmente como era a Educação Física dos professores enquanto aluno e como seus professores contornavam as dificuldades arquitetônica e climáticas.

Deste modo, construí dois capítulos para melhor analisar as questões levantadas como:

- a) O espaço escolar e as aulas de Educação Física: o passado e o agora;
- b) As influências do clima nas aulas de Educação Física.

4.1 Espaço escolar e as aulas de Educação Física: o passado e o agora

Assim como a Educação Física que com o passar dos anos sofreu mudanças, a arquitetura escolar seguiu nos mesmos moldes. O cenário da educação que se apresenta hoje é fruto de heranças e permanências da trajetória histórica da educação brasileira, que se configura como uma cultura escolar. Como argumentado anteriormente, a estrutura escolar seguiu os mesmos passos da educação, assim como Buffa (2005) afirmava que através da implantação de novas propostas educacionais pode-se encontrar mudanças na arquitetura escolar, afirmando que a mesma dialoga com o momento histórico escolar. Foi algo que ficou muito evidente durante as entrevistas, principalmente quando os professores evocavam de suas memórias como ocorria a Educação Física na sua época como alunos e também se tratando dos espaços físicos, comportamento dos professores diante de adversidades, explorações dos espaços tanto escolares quanto do entorno, entre outras questões.

Podemos ver as diferenças arquitetônicas de uma escola estadual para outra, assim como na rede particular, mesmo sendo da mesma rede como o professor Douglas declarou na entrevista do dia 17 de setembro de 2018. Ele trabalhou em

duas escolas da mesma rede particular: uma localizada em Santa Maria e a outra é a que ele atua hoje em Porto Alegre e pode nos afirmar que há diferenças tanto em termos de arquitetura, organização espacial e escolar. Já nas escolas da rede municipal podemos ver que há muita semelhança como afirmou a professora Helen da escola municipal A.

Conforme anotado no diário de campo do dia 11 de setembro de 2018, durante a visita na escola municipal A, a professora Helen apresentou os espaços da escola e durante nossa conversa em que ela afirmou que as escolas municipais geralmente seguem um mesmo padrão arquitetônico, uma área coberta no centro da escola, prédios organizados em forma de bloco, um ginásio coberto⁴. Ao mesmo tempo que ela foi fazendo essas afirmações, fui recordando de quando eu passava por escolas municipais, onde os tijolos retangulares, as cores amarela e branca, são característica bem marcantes das escolas municipais. Outra afirmação da professora foi que a arquitetura e organização dos espaços varia um pouco quando é feita a troca da prefeitura ou gestão, o ano de construção e fundação da escola é decisivo para seu estilo arquitetônico.

De acordo com o estudo de Costa et. al. (2017) constatou que a tipologia arquitetônica das escolas públicas são o reflexo das políticas públicas e das necessidades da sociedade da época em que foi projetada, citação essa que reforça ainda mais as palavras da professora Helen. Seguindo na mesma linha do que relatou a professora Helen, a questão da semelhança dos espaços das escolas municipais foi reforçada pela professora Rafaela e o professor Leonardo da escola municipal B.

Um fato relatado pelo professor Leonardo é que, na primeira escola que ele lecionou e foi diretor, a arquitetura era diferente do que estamos acostumados a ver nas escolas municipais, não havia aquela organização em blocos, as salas eram organizadas em forma de “U”, onde “da porta de uma sala poderíamos ver as outras salas”, também não havia uma quadra coberta e nem um centro de pátio coberto, fugindo das principais características arquitetônicas das demais. Esses relatos de Leonardo vão ao encontro do estudo de Costa e colaboradores e reforça as afirmações da professora Helen.

⁴ Nem todas escolas Municipais de Porto Alegre possuem ginásio coberto, como veremos ao longo do estudo, de acordo com relato dos professores

Muitas vezes com a falta de espaços e até mesmo de materiais, os professores necessitam improvisar para a realização das atividades, como no caso dos professores das escolas municipais A e B, que trabalham com os alunos a fabricação de seus materiais, até mesmo reciclando materiais descartáveis como no relato da professora Lizandra da escola municipal A.

“A verba que mandam para as escolas é curta, é sempre uma luta em busca de materiais a gente sempre tentado confeccionar com os próprios alunos usando sucatas, materiais alternativos.... tem um professor aqui a escola que sempre faz a confecção de materiais como para Hóquei com cabo de vassoura e garrafa pet.”(entrevista gravada com a professora Lizandra no dia 11 de setembro de 2018).

Uma questão importante nas entrevistas, era também buscar conhecer um pouco melhor os professores, buscar saber como eram suas aulas de Educação Física, os espaços disponíveis para eles na época e como seus professores lidavam com a falta dos mesmos.

Sobre a carência de espaços na época em que os entrevistados eram alunos, surgiram relatos muito interessantes, como o do professor Alexandre da escola estadual A, em que mesmo não tendo os espaços adequados seu professor improvisava tanto os materiais quanto o espaço.

“Uma das coisas que me recordo até hoje, foi em relação a esse professor que me influenciou muito, onde ele mesmo pagou os materiais para junto dos alunos fazer uma caixa de areia para trabalhar salto em distância, salto em altura, isso lá no 5° ano ou 6° ano e eu ainda recordo, foi algo bem marcante, tudo isso ocorreu em uma escola estadual lá na Restinga” (Relato do professor Alexandre da escola estadual A durante a entrevista do dia 23 de agosto de 2018).

Esse tipo de atividade relacionada a produção de materiais, proporciona ao aluno conhecimento acerca do esporte que está sendo trabalhado, o aluno irá aprender a valorizar o que está sendo produzido e também é uma forma de fazer com que o aluno interaja mais com esse esporte ou brincadeira. Brinquedos construídos estimulam através de brincadeiras e atividades o lado emocional, afetivo assim como algumas áreas do domínio cognitivo, despertando a autoestima, já que o objeto foi confeccionado pela própria criança (Emerique, 2003). Então, além da fabricação do próprio material gerar um conhecimento acerca do que está sendo trabalhado, também gera um laço afetivo, por aquele objeto.

Outro assunto que chamou bastante a atenção durante as entrevistas foi que alguns dos professores, enquanto alunos, estudavam em escolas próximas ao

centro de Porto Alegre, e por conta da falta de espaços para atividades, muitas vezes seus professores os levavam para realizar aulas no Parque Marinha do Brasil⁵. Questionando os professores sobre a utilização do espaço externo da escola, me refiro a parques, praças a comunidade no entorno, muitos acham a proposta interessante, já até realizaram, porém, os professores entrevistados afirmam que hoje em dia, torna-se pouco viável, por conta das dificuldades vividas atualmente quanto a segurança pública.

O professor Alexandre da escola estadual A relata que costumava realizar caminhadas com suas turmas no entorno da escola aproveitando sua paisagem arborizada, costumava também levar seus alunos até outra escola próxima promovendo uma interação entre as duas escolas.

“Eu sempre disse e acho muito legal explorar o lado externo da escola, até conhecer o próprio bairro, agora começa a esquentar e eu levo os alunos para fazer caminhada pelo bairro, eles estão se exercitando e estão conhecendo o bairro, faço uma meia hora, quarenta minutos de caminhada pelo bairro, têm muitos que moram aqui e não conhecem o próprio bairro, até é legal que às vezes que eu consigo ir nas outras escolas e a gente consegue fazer uma atividade juntos.” (Relato do professor Alexandre da escola estadual A durante a entrevista do dia 23 de agosto de 2018).

Nas escolas municipais estudadas é bem marcante essa interação das aulas de Educação Física com o entorno da escola. Na escola municipal B o professor de Educação Física costumava levar seus alunos para trabalhar com a corrida em uma praça próxima a escola. Nessa escola, no final de todos os anos é realizado uma rústica, onde recebe alunos da própria escola, comunidade ao redor da escola, alunos de outras escolas, eu inclusive já participei dessa rústica alguns anos atrás e alguns professores da escola mobilizam seus alunos trabalhando a corrida para esse evento.

Na escola municipal A, a professora Helen nos relatou que a escola iria realizar um evento esportivo com esportes coletivos e cooperativos com a comunidade, envolvendo pais e alunos, contando como avaliação para os alunos e com o intuito de arrecadar lucro para a escola e investir em materiais e estrutura para seus alunos. Exemplo disso foi a pista de *skate* que foi construída graças a festas juninas realizadas pela escola e com a ajuda da comunidade.

⁵ É um parque essencialmente esportivo, contando com quadras de futebol de salão, tênis, vôlei, basquete, pistas de patinação, skate, atletismo e ciclismo, aparelhos para ginástica, campos de futebol 7

Para contornar a falta de espaços na escola estadual B o professor Valter trabalha com jogos adaptados, como o basquete onde os alunos trocam passes e eles usam o travessão da goleira como cesta.

“Eu trabalho muito com jogos adaptados, acho que os alunos não devem ser privados dos conteúdos por que não tem espaço, aqui mesmo não temos cesta de basquete, então eu trabalho os conteúdos do basquete, vôlei de forma adaptada. Eu gosto muito de trabalhar jogos adaptados onde eu possa trabalhar os fundamentos e conteúdo do esporte em questão fazendo com que os alunos trabalhem de forma criativa o jogo, com menos competição e mais cooperação.” (Relato do professor Valter da escola estadual B no dia 4 de setembro de 2018).

Segue na mesma linha do que afirmou o professor Leonardo em relação aos espaços e o planejamento.

“A gente depende do espaço para pensar no planejamento. Não acho que o espaço seja totalmente determinante, ou seja, eu posso adaptar, mas eu preciso considerar que aquele espaço que vou estar utilizando, ele minimamente me condiciona algumas coisas. Então eu tenho que pensar que se eu quero trabalhar lutas, judô eu até posso adaptar em um outro espaço, mas o ideal seria espaço com tatames colchonetes pelo menos... eu sempre acho que a gente pode adaptar, mas o espaço não vai determinar totalmente como tu vai fazer, mas ele vai te colocar uma série de condições e a partir disso os conteúdos vão sendo adaptados.” (Relato do professor Leonardo da escola municipal B coletado no dia 2 de outubro de 2018).

Como podemos observar no relato do professor Leonardo vale destacar novamente o trecho “o espaço não vai determinar totalmente como tu vai fazer, mas ele vai te colocar uma série de condições e a partir disso os conteúdos vão sendo adaptados”. Então o planejamento das aulas de Educação Física está condicionado as condições espaciais, com isso não devemos nos limitar aos espaços, mas sim observar o que é possível trabalhar naquele ambiente, como por exemplo, ficaria complicado de praticarmos Judô em piso de concreto, os alunos poderiam se machucar, mas poderíamos trabalhar um outro tipo de luta em que não há quedas como Karatê.

Pode-se perceber no relato dos professores que alguns anos atrás, explorar a comunidade era algo que poderia ser feito tranquilamente e utilizavam até como forma de contornar a falta de espaços da escola, como argumentado nos parágrafos anteriores. Hoje a realidade em que vivemos é outra, os índices de violência aumentaram diante de um fracasso das políticas de segurança pública, por tanto, levar os alunos para fora dos portões tornou-se algo difícil. A professora Amanda da escola particular B relatou que algum tempo atrás a outra professora que ministrava aulas de Educação Física na escola utilizava a praça localizada em frente à escola

para atividades de caminhada e corrida. Alguns meses atrás a passagem entre a escola e o ginásio passou por uma reforma, então, para ter acesso ao ginásio, os alunos teriam que sair da escola para poder entrar pelo lado de fora, necessitando assim de autorização dos pais.

“A gente tem uma limitação para sair da escola de um tempo pra cá, não tinha antes, a professora que trabalhava antes aqui realizava atividades de corrida em volta da quadra, hoje em dia para tirar qualquer aluno da escola a gente precisa de uma autorização. Então qualquer trabalho que a gente for fazer fora da escola tem que ser algo bem planejado, mandar bilhete para casa pra autorizar a saída dos alunos, mesmo que eu vá aqui do lado.” (Relato da professora Amanda da escola particular B coletado no dia 17 de outubro de 2018).

Os professores, em um tempo anterior e hoje, utilizam diversas estratégias para contornar a falta de espaços e materiais para transmitir seus conteúdos, como por exemplo a produção de seu próprio material junto com os alunos, adaptação dos esportes como no caso do professor Valter da escola estadual B, utilização do espaço da comunidade para realização de atividades. A falta de espaços e recursos é muito mais sentida nas escolas públicas tanto estadual quanto municipal que nas escolas da rede particular, porém, também há escolas particulares como a escola Particular B que é carente de espaços. No caso se não houvesse o ginásio alugado não teria quadra coberta (está no planejamento da escola cobrir a pequena quadra que tem). As escolas municipais A e B possuem um maior espaço (quadradas) destinado para as aulas de Educação Física que a escola particular B.

Os professores das escolas públicas relataram, os professores que lecionam nas escolas estaduais afirmaram que houve uma melhora nos espaços escolares, do tempo de estudante para hoje como docente, até por conta da evolução tecnológica, porém ressaltam que ainda há muito o que melhorar. Nas escolas particulares houve uma constante evolução que se mantém até hoje, mas vale lembrar que nem todas possuem grandes estruturas e grande variedades de materiais disponíveis, a exemplo disso temos as duas escolas visitadas na pesquisa. A escola particular A possui muito mais espaços que a escola particular B. Essa variação está presente também nas escolas da rede estadual e municipal, onde encontraremos escolas mais estruturadas e outras nem tanto.

4.2. As influências do clima nas aulas de Educação Física.

Além da arquitetura escolar, outro fator que influencia nas aulas de Educação Física é a condição climática. Das escolas visitadas apenas a escola estadual B não possui quadra coberta, fazendo com que o professor leve sua aula para a sala durante dias chuvosos. Nas escolas com quadra coberta (Escola estadual A, Escola municipal A e B; e Escola particular A e B) os professores relatavam problemas de goteiras nos ginásios, fazendo com que o professor muitas das vezes interditasse metade da quadra. Essas goteiras eram presentes até mesmo nas escolas particulares, apesar de possuírem boas estruturas.

“Aqui quando chove muito, acontece de ter poças no ginásio e aí também eu tenho que adaptar a aula, daqui a pouco pra usar metade da quadra ou fazer uma atividade que utilize somente um espaço”.
(Relato da professora Amanda, coletado no dia 17 de outubro de 2018).

Não só as escolas visitadas possuíam essas goteiras, mas também durante os relatos, os professores afirmavam que as escolas as quais estudaram ou outras as quais lecionaram, também haviam goteiras no ginásio. Nas escolas municipais, escola estadual A e na escola municipal A e B em que há somente uma quadra coberta, nos dias de chuva em que duas turmas tinham aula de Educação Física no mesmo período, os professores dividem a quadra ou então um abre mão da quadra e trabalha conteúdo em sala de aula. Na escola particular B, que só possui uma quadra coberta (ginásio), não há o problema em ter que dividir a quadra, pois há somente uma professora de Educação Física.

Na escola estadual B tanto a professora Brenda quanto o professor Valter nos dias de chuva utilizam a sala de jogos que possui uma mesa de tênis de mesa. A professora Brenda costuma trabalhar com exercícios localizados e jogos de tabuleiro, já o professor Valter trabalha bastante com jogos de tabuleiro. Outros professores relataram o uso de jogos e tabuleiros nos dias de chuva, também relataram que, enquanto alunos, seus professores utilizavam essas atividades em dias chuvosos, como no relato da professora Rafaela que cursou o ensino médio no Colégio Militar.

“No Colégio Militar nunca teve área coberta então sempre tinha que ter uma alternativa de aula para os dias de chuva e eles faziam jogos de tabuleiro, jogos de questões relacionadas a raciocínio lógico.”
(Relato da professora Rafaela da escola municipal B, coletado no dia 2 de outubro de 2018).

Da Silva (2009) afirma que jogos de tabuleiro são utilizados como forma de substituir os conteúdos programáticos a serem ministrados nas aulas de Educação Física, por ocasião de problemas climáticos (chuva, frio, etc). Essa afirmação de Da Silva vai ao encontro aos relatos dos professores que estudaram em escolas sem ginásio, afirmando que seus professores adotavam esse tipo de prática nos dias de chuva. Porém uma vez ou outra trabalhavam atividades rítmicas ou conteúdo teórico relacionados ao esporte.

Assim como nos dias chuvosos, os dias de calor forte e clima abafado interferem nas aulas e em sua programação, muitas vezes reduzindo o tempo de aula para paradas para beber água ou evitar o mal estar dos alunos. Os professores entrevistados relataram uma certa dificuldade de realizar aula com o clima abafado ou de forte calor, mesmo a escola possuindo uma quadra coberta. No caso da escola particular B, a quadra em si já é bem abafada, local muito fechado então nos dias de forte calor já dificulta a aula.

“Aqui eu já tive situações de alunos assim, por que aqui o ginásio é muito quente, tu vai ver quando a gente for ali, agora até não vai estar tanto porque é cedo ainda, mais perto do meio dia é um calorão, já aconteceu de aluno me pedir para a atividade porque não estava aguentando. ” (Relato da professora Amanda da escola particular B, coletado o dia 17 de outubro de 2018).

Como relatado na metodologia, a professora Rafaela leciona nas 3 redes de ensino. A entrevista se deu na escola municipal B, porém, devido a flexibilidade do roteiro de questões, foi possível abordar como eram e como ocorriam as aulas nas outras instituições na qual ela leciona, que por coincidência também leciona na escola particular A. Durante seus relatos ela afirmou que em uma de suas aulas na escola particular A, os alunos reclamaram muito do forte calor, alguns sentindo mal estar e então responsáveis pela coordenação da escola resolveram medir a temperatura, com a ajuda de um aparelho específico, o qual ela não soube mencionar qual ser. Calculando assim o estresse térmico no horário da aula de Educação Física, verificando que havia uma temperatura elevada na quadra coberta, acima nos padrões aceitáveis, ocasionando na suspensão da aula prática e levando para a sala de aula com atividades mais calmas.

“Quando está muito quente, lá na escola particular A, temos um ginásio que não tem a questão muito boa de exaustão, então já teve insalubridade por calor, a gente mediu a condição climática com um instrumento não sei dizer qual era, estava lá um valor muito alto, e a gente levou os alunos para a sala e o Colégio Militar tem um sistema de bandeiras, então cada cor de bandeira correspondia a dia apto ou não apto para a pratica esportiva no ambiente externo. ” (Relato da

professora Rafaela da escola municipal B, coletado no dia 2 de outubro de 2018).

No relato percebe-se uma preocupação das instituições em relação a prática de atividade física em dias extremos, mais especificamente de forte calor. Como descrito no estudo de Wilhelms e Sampaio (2017) a saúde pode ser afetada em decorrência de exposição às adversidades climáticas, principalmente afetando os docentes que passaram o dia todo trabalhando nessas condições.

Como vimos anteriormente, havia uma preocupação em torno dos atletas expostos a condições climáticas variadas durante os jogos da Copa do Mundo de 2018 na Rússia. Eram realizadas medidas das condições climáticas antes das partidas para verificar se o clima era favorável para a prática da atividade e se não seria demasiado prejudicial aos atletas, se haveria necessidade de paradas durante a partida para hidratação. Essa preocupação não parece ser levada tanto em conta nas aulas de Educação Física, claro que o professor deverá avaliar as condições do clima para a realização das atividades, mas não há uma preocupação por parte dos gestores públicos educacionais. Claro que há exceções como no caso das escolas do relato acima.

De acordo com os relatos e a literatura encontrada, é de extrema importância estar atento às condições climáticas. A realização das aulas de Educação Física, principalmente nas semanas em que ocorre oscilação de temperaturas e mudanças repentinas no clima, merece ser levada em conta na hora de preparar as aulas, para assim, evitar o risco de complicações a saúde dos alunos e dos docentes, já que estarão expostos a condições climáticas adversas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desse estudo pude observar com as informações coletadas, que muitas vezes os professores pensam e planejam toda uma atividade para aquele dia de aula, e vez ou outra, pode ocorrer alguns imprevistos. Podem ser eles em decorrência de uma adversidade climática, como forte calor, clima abafado, chuva torrencial ou então adversidade arquitetônica, como falta de um espaço, seja por ele estar ocupado ou por sua inexistência. O professor sempre precisa estar atento e preparado para qualquer situação de imprevisibilidade, e possuir em seu planejamento, uma alternativa para substituir ou adaptar as atividades, evitando limitar seu trabalho aos espaços ou condições climáticas.

Através do estudo também foi possível compreender e refletir um pouco da complexidade que envolve o espaço escolar, formas de organizações, a maneira como os professores lidam com as adversidades sejam elas espaciais ou climáticas. Cada professor adota um tipo de estratégia para contornar as adversidades encontradas como por exemplo na escola estadual B, nos dias de chuva os professores costumam trabalhar com jogos trazidos pelos alunos e jogos de tabuleiro, já que a escola não possui quadra coberta, na falta de cesta de basquete. O professor Valter trabalha o basquete adaptando regras e forma de jogar.

Nas escolas municipais A e B é marcante a cultura de produzir junto aos alunos materiais para as aulas, eventos esportivos que envolvam a comunidade, a semelhança em que os espaços estão dispostos nas duas escolas, com centro coberto, uma quadra coberta, as cores, os tijolos, prédios em formato de blocos.

O espaço escolar está inteiramente ligado a maneira como o professor de Educação Física irá trabalhar suas atividades. De certa forma também podemos afirmar que, o lado externo e arredores da escola também estaria ligado ao planejamento das atividades, visto que em alguns locais onde a escola está localizada, torna-se favorável e viável para a prática de atividades além dos portões da escola como nos casos das aulas com o professor Alexandre na escola estadual A. Claro que hoje em dia a burocracia é muito maior em relação a época dos professores enquanto alunos como afirmaram a professora Helen e a professora Amanda que afirmou em seu relato que a professora que anteriormente ministrava as aulas na escola particular B costumava explorar a praça em frente à escola e que

hoje é mais complicado devido a periculosidade, já que na região acontecem muitos assaltos.

Nas escolas particulares, foi possível notar uma dissemelhança em relação a espaços. Enquanto a escola particular A possui espaço amplo, com mais salas, quadras, variedade de materiais esportivos, a escola particular B carece nessas questões, não tendo cesta de basquete (a mesma está quebrada). As duas escolas possuem ginásio alugado, porém como a escola particular A está passando por reforma, está previsto a construção de um ginásio coberto e na escola particular B estão planejando cobrir a quadra já existente. Com os relatos e as visitas ficou claro a diferença de espaços nas duas escolas da rede particular, como também foi possível observar na rede estadual.

Nas escolas estaduais encontramos na escola estadual A uma quadra coberta, a escola com mais espaços para serem explorados, um ambiente externo (entorno da escola) mais chamativo com praças. Na escola estadual B temos uma quadra sem cobertura e com dimensões fora dos padrões, onde para a realização de alguns esportes necessitava de uma adaptação por parte do professor, a presença de uma sala multiuso, o entorno escolar não é favorável para a prática de atividades externas, visto que não há parques próximos a escola e sendo ela cercada por casas e uma grande avenida. Observamos assim a diferença estrutural das escolas, diferenças do seu entorno para a possível realização de aulas fora dos portões da escola.

Nas escolas municipais visitadas haviam um padrão estrutural, com uma quadra coberta e outra aberta, o centro da escola coberto, produção de materiais junto aos alunos, envolvimento da comunidade com a escola. Durante os relatos podemos perceber que nem sempre os padrões arquitetônicos se mantêm e que dependendo da gestão municipal, ele pode mudar como no relato do professor Leonardo que afirmou que já lecionou e foi diretor de uma escola municipal onde não haviam os padrões encontrados nas escolas visitadas.

Ao longo dos relatos ficou evidente a diversidade de atividades e as diferentes maneiras como o professor lidam com as adversidades. O professor que não possui um ginásio coberto a sua disposição, diante de uma adversidade climática, deverá analisar a possível realização da aula ao ar livre. Escolas localizadas em áreas próximas a parques facilitam o trabalho do docente quando a escola carece de espaços.

Construí esta pesquisa com intuito de compreender a maneira como as adversidades arquitetônicas e climáticas influenciam nas aulas de Educação Física. Podemos observar a maneira como os professores contornam as adversidades em diferentes contextos, claro que em uma escola do estado encontramos muito mais dificuldades, devemos levar em conta que em escolas privadas muitas vezes poderemos também encontrar dificuldades. Uma adversidade climática faz com que o professor tenha que buscar uma alternativa para sua aula, como por exemplo em uma escola sem ginásio coberto, em um dia de chuva com uma aula programada para o pátio o professor teria que utilizar uma atividade alterativa em um espaço coberto.

Para encerrar minhas reflexões deixo aqui uma sugestão de um possível e futuro estudo para se aprofundar no tema analisando o estresse térmico durante as aulas de Educação Física e a influência do mesmo. Como podemos mudar o foco do olhar para além da ação do professor, e pensar em como o poder público poderia/deveria suprir/ oferecer, melhores condições para o enfrentamento do clima. Julgo de tamanha importância, pois o estresse térmico pode levar complicações a saúde dos alunos, visto essa questão que hoje não vejo ser levada muito em consideração. Levo como aprendizado que não devemos nos limitar aos espaços escolares, porém, ele irá nos colocar uma série de condições e com isso os conteúdos deverão ser adaptados, devemos estar sempre atentos as condições climáticas, e possibilidades de adaptar os conteúdos que serão trabalhados caso as condições climáticas não sejam favoráveis a pratica de exercício físico, assim como os espaços as adversidades climáticas nos empõem uma série de condições onde devemos saber lidar com elas.

REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter. et al. **Pesquisa em ação: Educação Física na escola**. Ijuí, RS. 3ª Edição. Editora Ijuí, v.10. 2003.

BRACHT, Valter. . **A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física**. *Cad. CEDES* [online]. 1999, vol.19, n.48, pp.69-88. ISSN 0101-3262. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32621999000100005>

BELLONI, Maria Luiza. **O que é Mídia-Educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.

BELTRAME, Mauria Bontorin; MOURA, Graziella Ribeiro Soares. **EDIFICAÇÕES ESCOLARES: INFRA-ESTRUTURA NECESSÁRIA AO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM ESCOLAR**. Disponível em < <http://www.unioeste.br>> acesso em: 25 de agosto de 2018.

BETTI, Mauro Educação Física e Sociedade, São Paulo: **Movimento**, 1991.

BETTI, Mauro. e ZULLIANE, Luiz.Roberto. (2002). A Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. São paulo: Vol (1), nº 1, p. 75-81.

BRASIL. Secretaria de educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1999.

BUFFA, Ester. Práticas e fontes de pesquisa em história da educação. In: GATTI Jr., Décio e INÁCIO FILHO, Geraldo (orgs.). **História da educação em perspectiva. Ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas,SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2005.

CASTELLANI Filho, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas, sp: papirus, 1988.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992. Coleção Magistério 2º grau – série formação do professor.

COSTA, Korina et al. As tipologias da arquitetura escolar no Brasil e o caso da escola municipal Catarina Martins Artero em Presidente Prudente-SP. **Colloquium Socialis**, Presidente Prudente, v.01, n. Especial, p.123-128 jan/abr 2017. DOI: 10.5747/cs.2017.v01.nesp.s0020

CHAGAS C. S.; GARCIA, J. D. A. Educação Física no Brasil: Apontamentos sobre as tendências construídas até a década de 80. **Lecturas em Educación Física y Deportes Bueno Aires**, año 15, n.154, Marzo 2011.
<http://www.efdeportes.com/efd154/educacao-fisica-no-brasil-tendencias-constituidas.htm>

DAMAZIO, Marcia Silva; SILVA, Maria Fatima Paiva. O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA E O ESPAÇO FÍSICO EM QUESTÃO. **Pensar a Prática**, [S.l.], v. 11, n. 2, p. 189 - 196, ago. 2008. ISSN 1980-6183. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/3590/4066>>. Acesso em: 20 jul. 2018. doi:<https://doi.org/10.5216/rpp.v11i2.3590>.

DA SILVA, Fernando Fernandes. JOGOS DE TABULEIRO E CAPACIDADE DE CONCENTRAÇÃO1. **Programa de Desenvolvimento Educacional do Paraná**, 2009.

DARIDO, Suraya Cristina. Apresentação e análises das principais abordagens da Educação Física Escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, p.58 – 65, 1998.

DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física na escola: conteúdos, suas dimensões e significados. In: universidade estadual paulista. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São paulo: cultura acadêmica, 2012. P. 51-75, v. 16.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na Escola: Questões e Reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

DAYRELL, Juarez. **A escola como espaço sócio-cultural**. In: DAYRELL, Juarez. (org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DE OLIVEIRA, Camila Fagundes; E SILVA, Lisandra Oliveira; NETO, Vicente Molina. ARQUITETURA ESCOLAR E O ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA: RELAÇÕES (IM)POSSÍVEIS. **Pensar a Prática**, [S.l.], v. 14, n. 2, set. 2011. ISSN 1980-6183. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/11447>>. Acesso em: 20 jul. 2018. doi:<https://doi.org/10.5216/rpp.v14i2.11447>.

DODÔ Menezes Aline; REIS n. L. Século xix e o movimento ginástico europeu: o processo de sistematização da ginástica **Efdeportes.com**, Revista Digital Buenos aires, año 18, nº 190, marzo de 2014. [Http://www.efdeportes.com/efd190/seculo-xix-e-o-movimento-ginastico-europeu.htm](http://www.efdeportes.com/efd190/seculo-xix-e-o-movimento-ginastico-europeu.htm).

Emerique, Paulo Sergio **Brincaprende: Dicas lúdicas para pais e professores**. Campinas: Papirus, 2003.

FALCÃO, Hilda Torres; BARRETO, Maria Auxiliadora Motta. Breve histórico da psicomotricidade. **Ensino, Saude e Ambiente**, [s.l.], v. 2, n. 2, p.84-96, 30 ago. 2009. Pro Reitoria de Pesquisa, Pós Graduação e Inovação - UFF. <http://dx.doi.org/10.22409/resa2009.v2i2.a21046>.

FONSECA, Denise Grosso da; MOLINA NETO, Vicente; SILVA, Lisandra Oliveira e. O Ensino Médio e a Educação Física: o embate em diferentes matizes / High School Physical Education. **Educação em Foco**, [s.l.], v. 21, n. 33, p.161-178, 11 maio 2018. Educacao em Foco. <http://dx.doi.org/10.24934/eef.v21i33.1913>.

FREIRE, Elisabete Santos. **Educação Física e conhecimento escolar nos quatro anos iniciais do ensino fundamental**. 1999. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte, São Paulo.

GASPARI, Telma Cristiane et al. A realidade dos professores de Educação Física na escola: Suas dificuldades e sugestões. **Revista Mineira Educação Física**, Viçosa, n. 14, n. 1, p. 109- 137, 2006.

GUTIERREZ, Washington. **História da Educação Física**. Porto Alegre: IPA. 1972.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **Educação Física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física**. 6. ed., São Paulo: Loyola, 1988.

GONZALEZ, Fernando Jaime; FRAGA, Alex Branco. **Referencial Curricular de Educação Física**. In: Referencial curricular. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação do Governo do Rio Grande do Sul, 2009. V.2, p. 113-129.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 07-67.

KRUG, Andréa. **Ciclos de formação: uma proposta político-pedagógica transformadora**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí.1994.

LAVOURA et al. Educação Física escolar: conhecimentos necessários para a prática pedagógica. **Revista da Educação Física/UEM Maringá**, v. 17, n. 2, p. 203-209, 2. sem. 2006.

MARQUES, Taícia Helena Negrin. **A relação entre espaço físico escolar, políticas públicas e os conteúdos da Educação Física: o caso do Colégio Estadual "Culto à Ciência" de Campinas**. 2002. 58 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Educação Física, Campinas, 2002.

MATOS, Marcelo da Cunha. **A Organização espacial escolar e as aulas de Educação Física**. Rio de Janeiro, 2005. Monografia (em Educação Física) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RAMOS, Jayr Jordão. **Os exercícios físicos na história e na arte**. São Paulo: Ibrasa,1982.

Rodrigues, Luiz Henrique.; Darido, Suraya Cristina. Educação Física escolar e meio ambiente: reflexões e aplicações pedagógicas. **EFDesportes.com**, Revista Digital.Buenos Aires, Año 11, N°100, septiembre de 2006. <http://www.efdeportes.com/efd100/ma.htm>.

Rodrigues, Vinicius de Matos.; Almeida Rogerio Marques. Avaliação do Estresse Térmico e Risco de Hipertermia durante aulas de Educação Física do IFMT – Campus Cuiabá: Resultados Preliminares. **2º jornada da produção científica da**

educação profissional e tecnológica da região centro oeste, Brasil, outubro 2008.

SAMPAIO, Adelar Aparecido; WILHELMS, Egon. Implicações na prática pedagógica da Educação Física pela ausência da quadra de esportes coberta. **Revista Biomotriz**, Paraná, v. 11, n. 2, p.31-51, ago. 2017.

SÁTYRO, Natália; SOARES, Sergei. **A infra-estrutura das escolas brasileiras de ensino fundamental: um estudo com base nos censos escolares de 1997 a 2005**. Textos para Discussão no 1267. Brasília: Ipea, 2007.

SEVERO, Nayara Alves; CARVALHO, Milena Joane A **CARÊNCIA DE ESPAÇO FÍSICO NA ESCOLA: implicações na prática pedagógica**. **XIX CONBRACE e VI CONICE**, Brasil, jul. 2015. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/view/7450>. Acesso feito em: 18 Ago. 2018.

Silva, Kenedi Ferreira.; Ribeiro, Edgar. José.; Oliveira, Isadora Caroline Guimarães.; Da Silva Oliveira, Jordana.; Magalhães, Dionatas. Barbosa. Campos.; Neto, Antonio Rodrigues de Carvalho.; Martins.; Guilherme. **Educação Física e Saúde Renovada: uma proposta para cidadania**. **EFDesportes.com**, Revista Digital. Buenos Aires, Año 19, N°202, marzo de 2015. <http://www.efdeportes.com/efd202/educacao-fisica-e-saude-renovada>.

SOARES, Carmen Lucia. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, Carmen Lucia. Educação Física escolar. Conhecimento e especificidade **Revista Paulista de Educação Física**, n. supl.2, p. 6-12, 20 dez. 1996.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. 143 p. (Coleção Educação Contemporânea).

TANI, Go et alii. Educação Física escolar: **fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1988.

Vinõa Frago, Antonio.; Escolano, Austin. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

WILKINSON, S. Effects of training in visual discrimination after one year: visual analysis of volleyball skills. *Perceptual and Motor Skills*. v. 75, n. 1, p. 19-24, 1992.

APÊNDICES

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

1. Natureza da pesquisa: você está sendo convidado a participar da pesquisa “ **A influência da arquitetura escolar nas aulas de Educação Física: Estratégias utilizadas por professores de Educação Física para contornar as adversidades arquitetônicas e climáticas**”, vinculada à Escola de Educação Física da UFRGS,

2. Participantes da pesquisa: O principal responsável pela pesquisa é o Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki, que pode ser encontrado em horário comercial no seguinte endereço: Rua Felizardo, 750; bairro Jardim Botânico; Porto Alegre/RS. CEP: 90690-200.

3. Sobre as entrevistas: Trabalharemos com entrevistas individuais gravadas, semiestruturadas, com duração entre 30 a 50 minutos, para colher informações sobre os saberes e estratégias docentes encontrados no cotidiano docente. Esta entrevista será gravada, depois transcrita e posteriormente devolvida a você para conferir o que foi registrado.

4. Riscos e desconforto: Sua participação nesta pesquisa não traz complicações legais, nem riscos a sua saúde ou a sua dignidade. O inconveniente maior será a dedicação de um tempo para responder às questões da entrevista. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com seres humanos, conforme a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

5. Confidencialidade: Os dados obtidos serão utilizados pelos estudantes e professores da Escola de Educação Física da UFRGS para a elaboração de monografia de conclusão de curso do aluno Gabriel Oliveira Barboza, artigos científicos, capítulos de livros. O material resultante do trabalho ficará depositado na Escola de Educação Física da UFRGS. Todas as informações coletadas nesta pesquisa são estritamente confidenciais. Em todas as etapas da pesquisa será preservada sua identidade, bem como as identidades de todas as pessoas por você referidas;

6. Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que esta pesquisa traga informações relevantes e, de algum modo, subsídios às políticas públicas de promoção da saúde articuladas à importância do brincar terapêutico.

7. Despesas: você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que seguem abaixo:

Eu, _____ acredito ter sido suficientemente informado a respeito do que li ou do que foi lido para mim, descrevendo o estudo “ **A influência da arquitetura escolar nas aulas de Educação Física: Estratégias utilizadas por professores de Educação Física para contornar as adversidades arquitetônicas e climáticas**”. Concordo voluntariamente em participar deste estudo, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a realização do mesmo.

Assinatura do sujeito ou representante legal _____ Local _____ / / _____
Data

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito ou de seu representante legal para a participação neste estudo.

Assinatura do responsável pela pesquisa _____ Local _____ / / _____
Data

Apêndice B – Roteiro de questões da entrevista semiestruturada realizada com os professores

Nome: _____
Idade: _____
Local: _____
Data: _____
Horário: _____
Duração: _____

Me fale um pouco sobre a sua trajetória e experiências na educação física. Atua em quais/quantas instituições e há quanto tempo está nesta escola?

O que te motivou a escolha pela educação física?

Que conteúdos/saberes você aprendeu enquanto aluno de escola?

Como era a arquitetura e os espaços disponíveis nas escolas as quais você cursou?

Como seus professores contornavam as adversidades climáticas, eles exploravam diferentes espaços da escola?

A partir de que ponto os espaços físicos da escola influenciam nas suas aulas de Educação Física e qual o impacto disso no seu planejamento?

Se te questionassem sobre qual o espaço da educação física dentro da escola, qual seria sua resposta?

Como tu analisas a possibilidade da educação física ir além das quadras esportivas ou até mesmo dos portões da escola?

Apêndice C – Carta de apresentação às escolas



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Vimos através desta, apresentar a V. S.^a o acadêmico Gabriel Oliveira Barboza matriculado e frequentando regularmente o Curso de Educação Física desta Universidade. No cumprimento das tarefas da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso de Educação Física, na qual sou professor orientador da estudante, o acadêmico é demandado a visitar instituições e entrevistar pessoas com o intuito de dialogar e compreender a complexidade de se construir a educação, o esporte e o lazer na contemporaneidade.

Neste sentido, solicitamos sua atenção no sentido de viabilizar a realização destas visitas e entrevistas com o(a) professor(a) de Educação Física desta tão conceituada instituição.

Na expectativa de sua compreensão e solicitude, aproveitamos a oportunidade para expressar nossa admiração, bem como agradecer-lhe antecipadamente pela atenção que, por certo, dispensará aos nossos acadêmicos.

Porto Alegre, 17 de agosto de 2018.

Atenciosamente,

Elisandro Schultz Wittizorecki

Elisandro Schultz Wittizorecki
Professor na ESEFID/UFRGS

Contatos: 51-33085821, elisandro.wittizorecki@ufrgs.br